

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** direção musical  
**Pedro Emanuel Pereira** piano

**12 jan 2024 · 21:00 Sala Suggia**

ABERTURA OFICIAL DO ANO PORTUGAL 2024



casa da música



Entrevista ao maestro Stefan Blunier  
por António Jorge Pacheco.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

## **Joly Braga Santos**

*Lisboa*, Abertura Sinfónica n.º 2, op. 11 (1947; c.15min)

## **Sergei Prokofieff**

Concerto para piano e orquestra n.º 5 (1932; c.23min)

1. Allegro con brio
2. Moderato ben accentuato
3. Toccata: Allegro con fuoco
4. Larghetto
5. Vivo

2ª PARTE

## **Luís de Freitas Branco**

*Paraísos Artificiais* (1910; c.12min)

## **Franz Schreker**

*Abertura para uma grande ópera (Memnon)* (1933; c.22min)

---

## Joly Braga Santos

LISBOA, 1924 – LISBOA, 1988

### *Lisboa*, Abertura Sinfónica n.º 2, op. 11

Descrito como “um dos casos mais inequívocos de precocidade, originalidade e instinto musical de que há memória na música portuguesa” (por Sérgio Azevedo), Joly Braga Santos é uma escolha natural para a abertura do Ano de Portugal na Casa da Música. É celebrado em particular pelas suas seis sinfonias, reveladoras de um artifice meticuloso da orquestração e das formas musicais, que colocava ao serviço de uma proverbial imaginação melódica. Este corpo sinfónico é testemunho de uma linguagem em contínua evolução que combinava uma grande naturalidade expressiva com a atenção (mas não sujeição) às tendências da composição europeia. A sua obra prolonga-se muito além das sinfonias (quatro delas escritas antes dos 27 anos!), embora a predilecção pela música orquestral seja manifesta numa extensa produção que inclui as três Aberturas sinfónicas e as célebres *Variações sobre um tema alentejano*, mas também bailado e três óperas.

Joly Braga Santos nasceu em 1924, pelo que este ano comemora-se o seu centenário. Aluno do Conservatório Nacional, frequentou com pouco sucesso um sistema de ensino musical que não o estimulou por aí além. Mesmo assim, o seu talento criativo era notório e desde cedo se relacionou com Luís de Freitas Branco, que ali ensinava e que passou a dar-lhe aulas particulares, tornando-se o seu principal mestre. Foi um dos fundadores da Juventude Musical Portuguesa e trabalhou no Gabinete de Estudos Musicais da Emissora Nacional — o que lhe deu a rara oportunidade de se dedicar a tempo inteiro à composição, mas também alguns dissabores, como a intimação (sob ameaça)

para compor uma sinfonia comemorativa dos 40 anos do 28 de Maio, a revolução que instaurou o regime fascista em Portugal. Conseguiu bolsas para estudar por várias temporadas em Itália. Trabalhou no Porto, como director da Orquestra Sinfónica do Conservatório, que programou dando bastante espaço aos compositores portugueses do seu tempo.

A Abertura Sinfónica n.º 2 (1947) pertence ao seu primeiro período criativo, em que a linguagem modal é dominante e se cruza com traços de danças populares. Apesar da sua concisão, assume uma dimensão sonora quase cinematográfica, sobressaindo a originalidade das melodias e o cuidado com a organização formal — crucial para a construção de um percurso que nos agarra o ouvido desde o início.

FERNANDO PIRES DE LIMA, 2024\*

---

## Sergei Prokofieff

SONTSOVKA, 1891 – MOSCOVO, 1953

### Concerto para piano e orquestra n.º 5

Quase todos os cinco concertos para piano de Prokofieff foram compostos para ele próprio os tocar. Desde cedo que o compositor se apercebeu de que o melhor intérprete da sua música para piano era ele próprio: para alguns dos seus críticos, inclusivamente, a música só era compreensível quando era o próprio compositor a interpretá-la. Músico precoce, Sergei Prokofieff tinha desenvolvido estudos paralelos de composição e piano desde muito jovem, entrando no Conservatório de São Petersburgo em 1904, com a tenra idade de 13 anos. Dez anos mais tarde, na sua prova final de piano, decidiu apresentar o seu Concerto para piano n.º 1, estabelecendo um padrão de pianista-compositor a que se manteria fiel ao longo da sua carreira.

Composto em 1932, o Concerto para piano n.º 5 segue esse mesmo padrão, tendo sido estreado por Prokofieff, em outubro desse ano, com a Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida por Wilhelm Furtwängler. Na verdade, quando compôs esta obra, tinha concluído o único dos seus concertos que foge à referida norma — o Concerto para piano n.º 4. Este último foi escrito em 1931 para o pianista Paul Wittgenstein que, tendo perdido o braço direito na Segunda Guerra Mundial, encomendou a Prokofieff — assim como a outros compositores — um concerto para a mão esquerda. Depois de receber a partitura, Wittgenstein recusou-se a tocar a obra, dizendo “Obrigado pelo concerto, mas não percebo uma só nota e não o vou tocar”. Depois desta experiência bizarra, certamente frustrante para Prokofieff, o compositor decidiu escrever mais uma obra para piano e orquestra — desta vez para ele próprio interpretar. Foi assim que, logo no ano seguinte, se dedicou a uma nova peça concertante, a que pensou inicialmente dar o nome de “Música para piano e orquestra”, mas que acabaria por se transformar no Concerto para piano n.º 5, que hoje ouvimos.

Este concerto tem uma estrutura algo invulgar, não só por se dividir em cinco andamentos — em vez dos mais convencionais três ou quatro —, mas também por algumas outras particularidades. Uma delas é a duração extremamente curta de um dos andamentos, o terceiro, que usa quase exclusivamente material derivado do primeiro, como se fosse uma variação ultracondensada deste. Uma outra particularidade é a presença de três andamentos rápidos seguidos, em vez de intercalar andamentos rápidos e lentos, como é mais habitual. Com efeito, só o quarto andamento é que é efetivamente lento e mais assumidamente lírico, funcionando como o centro de gravidade de

toda a obra, na medida em que é o momento de maior densidade e profundidade emocional. De acordo com alguns observadores, no resto do concerto prevalece uma atmosfera carnavalesca, especialmente marcada no primeiro andamento, com a sua sucessão rápida de temas contrastantes, de carácter predominantemente brincalhão e espirituoso.

O Concerto n.º 5 foi escrito durante a estadia do compositor e da sua família em Paris. Na sequência da Revolução Bolchevique e da Guerra Civil que se lhe seguiu, Prokofieff tinha abandonado a Rússia, dirigindo-se inicialmente, em 1918, para Nova Iorque. Durante quinze anos, viveu entre os Estados Unidos, a Alemanha e a França. A partir de 1923, estabeleceu a sua base em Paris, tornando-se gradualmente um dos compositores mais conhecidos a trabalhar em França. Não tardou muito, porém, a que procurasse retomar a ligação com a União Soviética. A partir de 1927, começou a deslocar-se periodicamente a Moscovo, para aí dar concertos e estabelecer contactos no sentido de ter mais música sua tocada no seu país natal. Apesar de ter podido presenciar, nessas visitas, as crescentes complicações burocráticas e políticas associadas a um regime que, a partir do final da década de 1920, vinha instalando um controlo cada vez mais apertado sobre as artes, as saudades acabaram por se impor, levando-o a querer voltar à Rússia. Quando compôs a obra que hoje ouvimos, em 1932, estava a iniciar um período de transição, em que passava temporadas cada vez mais longas em Moscovo, ao mesmo tempo que a sua família permanecia ainda em Paris (a deslocação definitiva deu-se em 1936). Foi nesse contexto que, em dezembro de 1932, logo depois da estreia em Berlim, a obra foi também apresentada — de novo com Prokofieff ao piano — em Moscovo.

DANIEL MOREIRA, 2024

## Luís de Freitas Branco

LISBOA, 1890 – LISBOA, 1955

### *Paraísos Artificiais*

“À distância e acima dos ruídos da terra”

No mesmo ano em que o público parisiense se escandalizava com a *Sagração da Primavera* de Stravinski, uma obra de Luís de Freitas Branco composta em 1910 — três anos antes — chocava os ouvidos conservadores do meio musical português. Profundamente marcado pelas inovações de Debussy, Freitas Branco começaria também a preferir as suas referências iniciais, fundamentalmente germânicas, e a embeber a sua música em elementos impressionistas que fariam do poema sinfónico *Paraísos Artificiais* o marco inicial do modernismo musical em Portugal.

A peça tem por base duas passagens do ensaio de Thomas de Quincey *As Confissões de um Opiómano Inglês* (recolhidas na tradução francesa de Baudelaire intitulada *Os Paraísos Artificiais*):

*“Parecia-me estar à distância e acima dos ruídos da terra. Aqui havia a esperança que floresce à margem dos caminhos da vida, reconciliada com a paz dos sepulcros. O ópio subtil e poderoso cria imagens superiores à arte de Fídias e Praxiteles, constrói cidades e templos com o esplendor da Babilónia e Hecatamplos, faz que se inclinem sobre nós rostos radiosos há muito desfeitos em cinza e em pó, e oferece-nos, enfim, as chaves do Paraíso. (...)”*

*“Todas as noites me sentia desaparecer, não metaforicamente, em abismos dos quais me seria impossível emergir. Imagens antigas eram ressuscitadas e postas diante dos meus olhos, como fantasmas vestidos de antigos*

*sofrimentos meus, que a mim os tornavam instantaneamente reconhecíveis.”*

A forma da peça é essencialmente ternária, as duas primeiras secções representando “Os Prazeres” e a secção final (em jeito de reexposição) “As Torturas do Ópio”. Desde o colorido discreto que emana da primeira secção, a obra percorre uma paleta orquestral notável (próxima do mundo sonoro do bailado *Dáfnis e Cloé*<sup>1</sup> de Debussy, como bem observa Alexandre Delgado), em que não faltam recursos exóticos para sugerir a intensa experiência de alheamento onírico descrita no texto. Na última secção, mais sombria (e tortuosa para o opiómano a quem ressurgem os “fantasmas vestidos de antigos sofrimentos”), a sugestão do mal-estar pela via da harmonia é particularmente impressionante: as dissonâncias e fricções provocadas pela sobreposição de referências tonais díspares acusam uma predisposição para experimentar alternativas que Stravinski levaria a cabo mais a fundo só depois, com os seus atrevimentos politonais.

“Dom Modesto”, n.º *O Dia* de 11 de Março de 1913, avisava os leitores: “O sr. Freitas Branco equivocou-se porque supôs que para ser original bastava compor uma obra parda, monocroma, sem interesse sinfónico, sem nervo, sem movimento, sem vida; supôs que para ser original bastava evitar consonâncias fazendo boiar sobre uma harmonia que dispõe mal, simples farrapos de frase de fugidia intenção”. Porém, à distância, acima dos ruídos do tempo, *Paraísos Artificiais* acabaria por afirmar-se como uma das páginas mais celebradas do repertório orquestral português.

PEDRO ALMEIDA, 2016\*

<sup>1</sup> [N. E.] Obra que surgiria dois anos depois.

## Franz Schreker

MONTE CARLO, 1878 – BERLIM, 1934

### *Abertura para uma grande ópera (Memnon)*

A reputação que Franz Schreker atingiu nas primeiras décadas do século XX, em Viena e Berlim, pode parecer surpreendente aos olhos dos nossos dias, pouco habituados a ler o seu nome em alinhamentos de concertos ou discos. Mas, de facto, o músico austríaco causou sensação naquele tempo, sobretudo como figura cimeira do reflorescimento da ópera germânica. Foi também um maestro influente, tendo protagonizado a estreia de obras históricas como a cantata *Gurre-Lieder* de Schoenberg, em 1913. E, no final dos anos 20, foi um entusiasta das tecnologias de gravação, rádio e cinema.

Mas regressemos uns anos atrás, para assinalar os primeiros sucessos que fizeram de Schreker o mais interpretado compositor de ópera da República de Weimar, após Richard Strauss. Depois da pantomima *Der Geburtstag der Infantin* (1908) lhe dar visibilidade, a ópera *Der ferne Klang* (1910) catapultou-o para a fama. Esta consolidou-se com *Die Gezeichneten* (1918), que levou alguns críticos a elegê-lo como herdeiro de Wagner. Após mais uma estreia de sucesso (*Der Schatzgräber*, 1920), tornou-se director da Hochschule für Musik de Berlim. Além de nove óperas, compôs um grande número de obras orquestrais, corais e canções.

Ainda que as óperas seguintes tenham sido menos bem recebidas e possam ter contribuído para um declínio no seu prestígio, nada justificaria o esquecimento generalizado e duradouro. Porém, com a ascensão do regime Nazi, as suas origens judaicas levaram à realização de manifestações de extrema-direita à porta do teatro onde estreava mais uma ópera, e ao cancelamento de outras. Obrigado a demitir-se do

seu cargo na Hochschule, em 1932, encontra trabalho na Academia de Artes Prussiana, em Berlim, mas em Maio de 1933 é despedido juntamente com Schoenberg. É nessa altura que vem para Portugal e passa as férias de Verão no Estoril (onde já tinha estado em 1931). Regressa a Berlim apenas em Outubro, decidido a emigrar, mas é atingido por um ataque cardíaco em Dezembro, acabando por morrer em Maio do ano seguinte, aos 55 anos. A música de Franz Schreker foi então incluída no *index* da “música degenerada” pelo regime Nazi e todos os esforços foram feitos para a retirar da memória histórica. O resgate dessa memória despontou nos anos 1970 e prossegue, o que explica a relativa obscuridade da sua música ainda hoje.

O Verão de 1933 passado em Portugal permitiu a Schreker escrever a sua última obra, a exuberante *Vorspiel zu einer grossen Oper*. As suas sonoridades orientais estão intimamente ligadas ao tema da ópera que não terminou, sobre Memnon, um general e semideus do Antigo Egipto dividido entre as ambições terrenas e o desejo de sabedoria. Estas sonoridades ouvem-se na percussão de traços rituais e no longo desenho melódico da primeira secção. O segundo momento é muito mais agitado e dá-nos a oportunidade para apreciar a mestria de Schreker na exploração dos timbres da orquestra. A instabilidade parece sugerir um resumo dos momentos mais tensos da ópera, numa linguagem que estica os caminhos da tonalidade ao máximo e se apresenta como herdeira do Romantismo tardio. Na verdade, não podendo ouvir uma ópera que não foi escrita, torna-se fácil imaginar, com esta audição, as emoções exacerbadas que lhe estariam subjacentes.

FERNANDO PIRES DE LIMA, 2024\*

\* Os autores não aplicam o Acordo Ortográfico de 1990.

## Stefan Blunier direção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. A história de sucesso desta formação continua em 2023/24 com a profícuca colaboração entre maestro e orquestra em inúmeros concertos no Porto.

Compromissos recentes levaram Blunier à Orquestra Nacional de Lille, à Filarmónica de Copenhaga, à Orquestra da Suíça Romanda, à Sinfónica de Berna, à Orquestra Estatal de Darmstadt, à Sinfónica da Ópera de Toulon e à Sinfónica de Singapura.

Na sequência do êxito de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda*, e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Subiu aos pódios para *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, bem como para *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda para uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca. Regressou à Deutsche Oper am Rhein Düsseldorf/Duisburg para dirigir *Macbeth*, de Verdi. Ainda no campo operático, o maestro passou por cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi diretor geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e

receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu uma impressionante discografia, com obras raramente apresentadas de Bruckner, Liszt e Schmidt, bem como um ciclo dedicado a Beethoven.

Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Entre os seus compromissos recentes, destacam-se a Sinfónica NHK, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, a Filarmónica do Sul dos Países Baixos, a Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direção de orquestra na sua cidade natal e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois do sucesso alcançado nos concursos de direção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim, e diretor musical e maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como diretor geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

## Pedro Emanuel Pereira piano

Natural de Guimarães, Pedro Emanuel Pereira é um dos mais proeminentes pianistas e compositores portugueses da sua geração. Na composição, destacam-se a encomenda de um concerto para clarinete e orquestra que será estreado no Cabrillo Festival of Contemporary Music, nos Estados Unidos, com direção de Cristian Măcelaru e Carlos Ferreira no clarinete; a escrita de um *Requiem* em memória de Francisco Sá Carneiro; e a estreia da obra *Passarola*, para piano, eletrónica e geometria sagrada, que contou com a presença do Rei de Espanha, o Presidente da República Portuguesa e o Presidente da República Italiana.

Como solista, destacam-se os seus recitais em Barcelona, Nova Iorque e Amesterdão, e os concertos com a Orquestra da Ópera de Erevan, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e a Orquestra Filarmónica de Moscovo.

Em conjunto com o clarinetista Carlos Ferreira, artista Rising Star de 2024, Pedro Emanuel Pereira fará uma *tournee* pelas principais salas europeias, nomeadamente o Barbican Centre em Londres, Philharmonie em Paris, Elbphilharmonie e Laiszhalle em Hamburgo, Palau de la Música Catalana em Barcelona, Het Concertgebouw em Amesterdão e Musikverein em Viena, entre outras.

No âmbito das comemorações dos 50 anos da revolução portuguesa de 25 de abril de 1974, criou um projeto que será levado a dez estabelecimentos prisionais de Portugal. O projeto “50’25 — Pelas Prisões de Portugal” consiste na criação e interpretação de 10 obras originais, inspiradas em textos poéticos que escritos pelos reclusos de cada estabelecimento prisional.

A discografia de Pedro Emanuel Pereira conta com três álbuns editados: *Russian*

*Journey*, com obras para piano solo de Prokofiev e Rachmaninoff; *Sons da Minha Terra*, dedicado em exclusivo a obras originais da sua autoria para piano solo; e *XX-XXI*, gravado em conjunto com o clarinetista Carlos Ferreira.

Em 2024, o artista lançará o seu próximo álbum para piano solo, com música de Bach, Hindemith, Almeida e obras da sua autoria.

Do seu percurso académico, realce para a sua graduação pelo Conservatório Tchaikovski de Moscovo, na classe da pianista Vera Gornostaeva, e para a pós-graduação no Conservatório de Amesterdão na classe do pianista Naum Grubert, onde terminou com nota máxima e distinção *Cum Laude*. Em Portugal, concluiu os estudos na classe do pianista Marian Pivka, no Conservatório de Guimarães. Estudou orquestração e instrumentação com Mikhail Bogdanov e Artun Hoinic, tendo sido bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Jacques Vonk.

Participou em vários concursos internacionais de piano e composição. Laureado em mais de 20 competições internacionais, obteve o primeiro prémio no Concurso Internacional Santa Cecília no Porto, no Concurso Internacional Ricard Viñes em Lleida e no Concurso Internacional de San Sebastián, entre outros.

Além da sua atividade enquanto concertista e compositor, Pedro Emanuel Pereira desenvolve um trabalho de pesquisa académica na Universidade de Aveiro, no programa doutoral em Criação Artística, dedicando-se também à produção musical, sendo um dos membros fundadores da produtora Percos Music.

## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. O alinhamento para 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, a *Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 viaja até Munique, tocando ao lado do Arditti Quartett no festival Rãsonanz.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

**Violino I**

Evgeny Makhtin  
Álvaro Pereira  
Ilanina Khmelik  
Roumiana Badeva  
Tünde Hadadi  
José Despujols  
Andras Burai  
Alan Guimarães  
Vladimir Grinman  
Maria Kagan  
Vadim Feldblioum  
Evandra Gonçalves  
José Pedro Rocha\*  
Diogo Coelho\*

**Violino II**

Ana Madalena Ribeiro  
Nancy Frederick  
Tatiana Afanasieva  
Pedro Rocha  
José Paulo Jesus  
Karolina Andrzejczak  
Lilit Davtyan  
Domingos Lopes  
Catarina Martins  
Mariana Costa  
Paul Almond  
Jorman Hernandez\*

**Viola**

Mateusz Stasto  
Pedro Meireles  
Anna Gonera  
Biliana Chamlieva  
Luís Norberto Silva  
Emília Alves  
Alexandre Aguiar\*  
Catarina Gonçalves\*  
Helena Leão\*  
Rita Carreiras\*

**Violoncelo**

Nikolai Gimaletdinov  
Vicente Chuaqui  
Michal Kiska  
João Cunha  
Hrant Yeranosyan  
Aaron Choi  
Ana Sofia Leão\*  
Beatriz Figueiredo\*

**Contrabaixo**

Rui Rodrigues  
Florian Pertzborn  
Tiago Pinto Ribeiro  
Nadia Choi  
Altino Carvalho  
Slawomir Marzec

**Flauta**

Paulo Barros  
Angelina Rodrigues  
Alexander Auer

**Oboé**

Aldo Salvetti  
Sofia Brito\*  
Roberto Henriques

**Clarinete**

Luís Silva  
João Moreira  
Gergely Suto

**Saxofone**

Fernando Ramos\*

**Fagote**

Gavin Hill  
Robert Glassburner  
Cândida Nunes

**Trompa**

Nuno Vaz  
Eddy Tauber  
José Bernardo Silva  
Hugo Sousa

**Trompete**

Sérgio Pacheco  
Luís Granjo  
Rui Brito

**Trombone**

Ricardo Pereira\*  
Pedro Silva\*  
Tiago Noites\*

**Tuba**

Sérgio Carolino

**Tímpanos**

Jean-François Lézé

**Percussão**

Bruno Costa  
Paulo Oliveira  
Nuno Simões  
André Dias\*  
Sandro Andrade\*  
Pedro Góis\*  
José Gabriel Teixeira\*  
Jaime Pereira\*  
Francisco Guerreiro\*

**Harpa**

Ilaria Vivan  
Ana Paula Miranda\*

**Celesta**

Vitor Pinho\*

\*instrumentistas convidados

**Operação Técnica****Iluminação**

Rui Pinto Leite

**Palco**

Alfredo Braga  
Fernando Gonçalves

**Assistência de cena**

Amaro Castro

ANO DE PORTUGAL



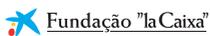
COM O ALTO PATROCÍNIO  
DE SUA EXCELENÇA

O Presidente da República

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS



PATROCINADOR

APOIO

